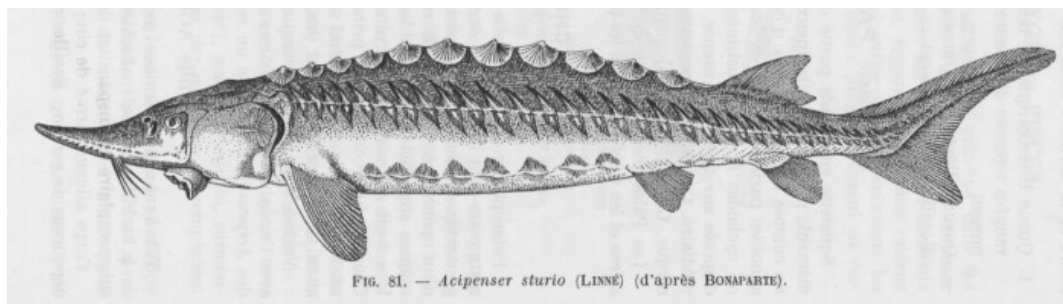


## RUBRICA REPORT(H)A: O teatro da natureza e o mundo

### ***Para memória de “tão grande maravilha”: um esturjão no Tejo em tempos de D. Dinis (1261-1325)***

Sara Pinto<sup>1</sup>



Poll, M. (1947) - *Poissons marins*. Musée Royal d'Histoire Naturelle de Belgique: Brussel.

No ano de 1321, um exemplar de um peixe com que o rei D. Dinis foi apresentado num jantar em Santarém, foi considerado uma “tão grande maravilha” que a sua dimensão foi merecedora de registo para “certa memória para os que depois vierem”<sup>2</sup>. Tratava-se de um “solho” – “esturjão” ou “asturião” (*Acipenser sturio* L., 1758), pescado no mês de Fevereiro, no rio Tejo, na zona de Montalvão (onde o rio afluente Sever entra no rio Tejo, na sua margem esquerda), a mais de 200 km da sua foz, em Lisboa. Sendo o seu tamanho comparado ao “de um grande delfinho” (golfinho), o solho media 17 palmos de comprimentos e pesava 17,5 arrobas (cerca de 3,75 metros e 275 quilos). Tal captura foi testemunhada por “homens de muitas terras e de desvairadas nações (...) que nunca um tão grande nem tão bem feito viram

<sup>1</sup> Investigadora integrada do CITCEM – U. Porto. Bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/111714/2015). Email: saramcpinto@gmail.com.

<sup>2</sup> “Atestado, mandado fazer por D. Dinis, no qual se certifica que se tinha pescado um solho, de grandes dimensões, no Tejo, perto de Santarém”, Torre do Tombo, Gavetas, Gav. 2, mç. 1, n.º 4, 1321-02-06, disponível em <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4637072>. Excerto do documento: “... no campo de Velada termo de Santarém no lugar de Gonçalo Esteves de Alfansi onde D. Dinis vinha para jantar foi-lhe apresentado em serviço por Dom Guedelha, rabi mor dos judeus, um solho vivo que filharam no Tejo onde chamam Montalvo [Montalvão], o qual solho havia tão grande boca pela qual lhe metiam sendo ainda vivo um raposo morto e lançava-o logo para foro de um sopro e havia no espinhaço pela coa da cabeça até ao cabo 30 escamas assim como conchas e era do tamanho de um grande delfinho e tinha de longo 17 palmos e de grosso 7 palmos e pesou pelos pesos de Santarém 17,5 arrobas, e porque então aí estavam presentes homens de muitas terras e de desvairadas nações que o dito solho viram e diziam todos que por muito solhos viram pelas terras onde andaram que nunca um tão grande nem tão bem feito viram como este e que o tinham por estranho e por tão grande maravilha que se o assim não vissem que não o poderiam crer. E para disto ficar certa memória para os que depois vierem...”.

como este”, o que justificou o seu registo documental certificado por um extenso rol de assinaturas.

Mais de dois séculos depois, na obra *De antiquitatibus Lusitaniae* (1593), o humanista André de Resende (1500-1573) dedicou um capítulo ao esturjão e à sua presença nos rios portugueses. Nele descreve que o “asturjão” ou “solho” que habitava o rio Minho era de maior tamanho e qualidade do que o encontrado no rio Lima, de tamanho mais pequeno. No rio Douro, a espécie era mais difícil de encontrar, chegando mesmo a ser rara a sua presença no rio Tejo. No rio Guadiana entravam esturjões de tamanho moderado desde Março até ao Verão. Em relação ao seu consumo, refere que os “asturjões” por “procurarem águas doces onde não só engordam como, perdendo o sabor acre da água salgada, se tornam depois de cozinhados muito mais agradáveis ao paladar”. Comprova ainda o valor comercial desta espécie, considerando “um crime capital não levar o peixe real, quando capturado, ao rei, que depois o oferece a quem quiser”. A presença dos solhos é igualmente testemunhada na *Descrição do Reino de Portugal* (1610) de Duarte Nunes do Leão (1530-1608), nomeadamente nos rios Tejo e Guadiana. Nos finais do século XVIII, Constantino Lacerda Lobo registou nas suas “Memória sobre o estado das pescarias” a prática da pesca do solho e a existência de redes próprias para o capturar no rio Guadiana.

Hoje em dia, não seria o tamanho do peixe a gerar notícia, mas sim a sua presença, dado o estatuto de espécie extinta que atualmente o esturjão apresenta em Portugal.

Os esturjões são peixes com uma grande longevidade, de maturação tardia, com características distintas, como uma barbatana caudal semelhante à dos tubarões, e um corpo alongado, fusiforme, de pele lisa. Várias espécies podem crescer bastante, normalmente variando de 2 a 3 metros de comprimento. A maioria dos esturjões passa grande parte da vida alimentando-se em deltas e estuários de rios, migrando rio acima para desovar. No passado, os esturjões entravam nos rios ibéricos mais largos, desde o Minho ao Guadalquivir, apesar de a sua desova ter sido apenas comprovada nos rios Douro, Guadiana e Guadalquivir. Com efeito, embora três espécies Acipenseridae - *Acipenser sturio* L., 1758; *A. naccarii* Bonaparte, 1836; e *Huso huso* (L., 1758) tenham sido identificadas, no passado, como presentes nos rios e mares da Península Ibérica, a análise de espécies preservadas em coleções zoológicas comprovaram que apenas uma, o esturjão do Atlântico *A. Sturio*, é nativa da Península Ibérica (segundo Almaça e Elvira, 2000). Dada esta evolução, os registos históricos, como este, constituem importantes indicadores de análise.

A investigação aponta para um declínio desta espécie, em Portugal e Espanha, a partir de meados do século XX. O esturjão do Atlântico constituiu, desde sempre, uma espécie comercialmente importante, quer pela sua carne, quer pelas suas ovas (caviar), constituindo

uma das espécies piscícolas com maior valor comercial. Atualmente, o seu número diminuiu drasticamente, por todo o globo, devido à sobrepesca, ao represamento dos rios e à poluição. A população mundial de *A. sturio* está tão dizimada, que a espécie se encontra em risco de extinção, integrando a Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, na categoria 'Critically Endangered - CR A2d', e sendo considerada como espécie em perigo por diversos países europeus.

### **Bibliografia e recursos online:**

- Almaça, C. and Elvira, B. (2000), "Past and present distribution of *Acipenser sturio* L., 1758 on the Iberian Peninsula", *Boletín Instituto Español de Oceanografía*, 16 (11-16).
- Baldassin, P. (2019), "A história do Peixe Esturjão", 23-05-2019, disponível em <https://www.iguiecologia.com/historia-do-peixe-esturjao/>.
- Braga, I. (2007), "À mesa com Grão Vasco. Para o estudo da alimentação no século XVI", *MÁTHESIS*, 16, (9-59).
- Gesner, J., Williot, P., Rochard, E., Freyhof, J. and Kottelat, M. (2010), *Acipenser sturio*, The IUCN Red List of Threatened Species, disponível em <https://www.iucnredlist.org/species/230/13040963>.
- Lobo, C. B. L. (1991), "Memória sobre o estado das pescarias da costa do Algarve no ano de 1790", in *Memórias Económicas da Academia das Ciências de Lisboa*, 2.ª ed., Lisboa, Banco de Portugal, tomo V, pp. 69 – 102.
- Neves, R. (2018), "Memórias do peixe-sonho", 22-01-2018, disponível em <https://maedagua.pt/?p=2320>
- Resende, A. (2009), *As antiguidades da Lusitânia*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- <http://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=126279>

**Como citar:** Sara Pinto – "Para memória de "tão grande maravilha": um esturjão no Tejo em tempos de D. Dinis (1261-1325)" [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2020. Disponível em <http://www.reportha.org/en/news/item/546-naturae-theatrum-et-mundum-thetheatre-of-nature-and-the-world-o-teatro-da-natureza-e-o-mundo>.